



REFLEXÕES ACERCA DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA ERA PLANETÁRIA: UM DIÁLOGO HUMANIZADOR

Cristina Serafim Torres

Faculdade Fortium / oficialcristina@hotmail.com

Jaqueline Fonseca Rodrigues

Faculdade Projeção / Jaquelinefrodrigues@hotmail.com

Resumo: A perspectiva desse trabalho visa trazer reflexões sobre a avaliação da aprendizagem, revestida por um processo dialógico entre o sujeito, o conhecimento e o mundo. Pensar em avaliação é analisar o seu papel formador no processo de desenvolvimento dos seres humanos em uma dimensão integral. E, cujos objetivos estão inseridos em uma prática educativa voltada para os sentidos, valores e responsabilidades. Essas considerações se fazem necessárias para uma educação de qualidade na contemporaneidade. Em relação à abordagem optou-se pela pesquisa qualitativa por constitui-se em um processo interpretativo da realidade e devido ao nível de complexidade e subjetividade que envolve o tema. Esse estudo foi construído por uma pesquisa bibliográfica e sua fundamentação encontra-se ancorada nas premissas de Morin, Freire e outros. Os resultados encontrados sinalizam para uma crise planetária em todas as áreas do mundo moderno. O que torna relevante tanto para o universo social e político quanto para o educacional. Afinal, educar é um processo permanente de diálogo. Vive-se na era da complexidade das relações humanas e dos saberes. Dessa forma, é necessária a discussão acerca da desconstrução de paradigmas sobre avaliação e da visão fragmentada de ensino e de ser humano. Conclui-se que é preciso romper essas barreiras, além de uma conscientização sobre um modelo de educação que nos permite direcionar para uma prática humanizadora, onde os desafios sejam formar cidadãos, não do intelecto, mas do mundo para viverem e conviverem em uma sociedade globalizada e multicultural.

Palavras chave: educação humanizadora, avaliação de aprendizagem, crise planetária.

Introdução

Percebe-se uma realidade de vida no contexto atual e de maneira global como crise planetária (MORIN, 2011). O mundo contemporâneo está inserido nos fluxos de constantes mudanças, seja na política, na economia, no social, bem como, na educação. O objetivo desse trabalho é refletir sobre o papel humanizador da avaliação e seus desafios sociais. Não há como negar que a circulação e a velocidade das informações têm acontecido de forma veloz e assustadora. O mundo do conhecimento parece complexo. Segundo Morin (2011, p.83) “a complexidade situa-se num ponto de partida para uma ação mais rica, menos mutiladora”. Passa a ser uma condição real e vital para



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

a humanidade, situar-se dentro dessa complexidade e compreendê-la no universo. Nessa mesma direção Régnier (1995, p.3) alerta:

Em meio a uma crise global, de tão graves proporções, muito se fala ultimamente em diferentes instâncias das sociedades modernas, em mudança de paradigma como reconhecimento de necessidade premente de construção de um novo modelo que, para além dos limites da racionalidade científica, crie as condições propícias a uma aliança entre ciência e consciência, razão e intuição, progresso e evolução, sujeito e objeto, de tal forma que seja possível o estabelecimento de uma nova ordem planetária.

Nesse sentido, avança-se na ciência e na tecnologia o que tem corroborado para um progresso científico que permite ir além de um discurso teórico e uma prática retórica. A sociedade tem sido marcada pela globalização, pela universalização dos saberes e pelo multiculturalismo. É indiscutível que tudo isso, tem trazido de certo modo uma aflição, angústia e incerteza sejam nas relações humanas e no universo escolar. Moran (2013) diz que a educação nos faz abrir caminhos mesmo nos momentos de crises. Nesse esteio, Behrens (2013, p.73) diz: “a acelerada mudança em todos os níveis leva a ponderar sobre uma educação planetária, mundial e globalizante”.

É inegável que existe dentro desse sistema uma celeuma que nos faz refletir que tipo de educação se pretende para o presente momento e para os séculos vindouros. Compreensão que se estende, também, para uma visão de ser humano em uma dimensão não só intelectual, mas em toda sua plenitude seja: física, cognitiva e espiritual (DAMÁSIO; SILVA; AQUINO, 2010). E também para uma prática educativa voltada para os sentidos, valores humanos e responsabilidades. Afirma Moran (2013, p.21) “na educação, o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade”. De acordo com as palavras do autor intenção é formar um indivíduo para a vida e não apenas para o progresso intelectual.

Partimos do pressuposto que seja necessário analisar e compreender essas questões para que se possa evitar ainda uma educação fragmentada dissociada da vida em sociedade e de ser humano. Para Morin (2011) o pensamento fragmentado, mutila os seres humanos. Nessa perspectiva, a educação de fato deverá ser entendida como uma



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

ação global que possibilita a interação do ensinar e do viver em sociedade.

Diante dos fatos, a educação humanizadora representa uma possibilidade de transformar a avaliação em um modelo vivo de aprendizagem, colocando o ser humano em um permanente diálogo com o seu eu, com o outro e com o mundo. Freire (2014) afirma que a educação inaugura e busca o diálogo como prática de liberdade e de transformação para um pensamento crítico e autônomo. Para Charlot (2013, p. 167) “a educação é um triplo processo: de humanização, de socialização, de subjetivação/singularização”. Tal entendimento passa ser uma condição imprescindível para o novo paradigma emergente. Behrens (2013) afirma que o construto do processo de ensino-aprendizagem desafia uma visão holística/sistêmica e nos remete a ideia de uma educação que viabiliza não apenas o aprender, mas também, o ser, o conhecer, o fazer e o viver.

A avaliação não deve estar voltada unicamente para os resultados produzidos pelo discente, e sim, para o processo de ensino e aprendizagem considerando a singularidade dos alunos de forma a não conceber o enquadramento destes em níveis universais de desenvolvimento. Afinal, cada indivíduo possui características pessoais e sócio-culturais próprias de sua existência, saberes informais, seus desprazeres e insucessos na trajetória de formação, sendo necessário adaptar os conteúdos e objetivos de ensino para melhor atender a tal diversidade. Segundo Hoffmann (2013) deve-se enfatizar a importância da avaliação tal como ela deve ser um instrumento reflexivo que auxilia na mudança de postura para alcançar um maior desenvolvimento do educando.

Aspecto relevante, dentro e fora do ambiente escolar, quando se vislumbra o papel da educação e da atuação do professor frente aos seus alunos, na ação de mediar a construção do saber, direcionando nas suas escolhas e desenvolvendo suas competências e habilidades para que o aluno saiba refletir, problematizar e questionar, bem como, avaliar a realidade apresentada. Conforme Gadotti (2010, p. 345) “o desvelamento da realidade implica a participação daqueles que dela fazem parte, de suas interpretações em relação ao que vivem”. O que reforça a importância do diálogo e da participação como uma prática investigativa. E que se traduz em valiosos instrumentos



de inserção no meio social, cultural e educativo tanto para alunos quanto para professores, pois tem um caráter transformador. Nesse processo Moraes (1997, p.66) menciona:

[...] é uma proposta sociocultural, ao compreender que o “ser” se constrói na relação, que o conhecimento é produzido na interação com o mundo físico social, a partir do contato do indivíduo com sua realidade, com os outros, incluindo sua dimensão social, dialógica, inerente à própria construção do pensamento.

Além do caráter socializador e de interação, cabe aqui acrescentar que a avaliação da aprendizagem não resume a um ato, mas deve ser entendida como processo amplo, que só se efetiva quando estiver a favor da aprendizagem dos alunos, e jamais, como forma de punir, classificar ou transmitir poder. Então, surge a seguinte pergunta: Qual modelo de avaliação tem sustentado sua prática? Considerando o que a avaliação subsidia o trabalho pedagógico, oferece suporte metodológico, fortalece a relação professor-aluno, além de construir a concepção do que seja aprendizagem. Justifica-se a escolha desse tema pela urgência em enfraquecer o pensamento cartesiano de educação que vem vigorando até os dias atuais. Os prejuízos dessa fragmentação são evidentes em todas as esferas educacionais e manifestam-se na dificuldade dos relacionamentos, na compreensão do ser no mundo, no aumento da violência, dos vícios e na falta de conexão dos saberes conceituais, procedimentais e atitudinais indispensáveis para o desenvolvimento humano.

Quebrando os paradigmas da avaliação por meio de uma reflexão

Quem nunca titubeou quando ouviu ou pensou sobre o termo “avaliação”? Para alguns é caracterizada por uma imagem ou até mesmo um sentimento negativo que traz nervosismo, tensão, palpitação, uma respiração mais ofegante, as mãos trêmulas e suadas, bem como, o medo. Já para outros, como afirma Hoffmann (2013) uma lembrança de terror parecida com um mostro de várias cabeças. Há quem diga que prefere ficar na neutralidade e não perceber nenhum significado na avaliação. Percebe-se que o discurso é propício e torna-se importante para desconstruir paradigmas, estigmas e mitos que vêm sendo perpetuados ao longo da história sobre a avaliação.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Morin (2011, p.77) discorre “o paradigma complexo resultará do conjunto de novas concepções, de novas visões, de novas descobertas e de novas reflexões”.

Comumente, existe ainda certa incoerência e deturpação tanto entre alunos quanto entre professores, quando assimilam o termo avaliação na medida em que confundem com um dos instrumentos avaliativos conhecido como prova. Resquício de uma visão dogmática de avaliação advinda de uma pedagogia jesuítica orientada por um ritual metódico de exames e provas, o qual nada favorece para o processo de ensino e sim, discrimina e põe à margem uma aprendizagem plural, democrática e integradora do que se espera na atualidade. De acordo com Morin (2011, p.43) “a educação do futuro deverá ser o ensino primeiro universal, centrado na condição humana”. Dessa forma, a proposta é que a avaliação também se molde a possibilidade de se tornar menos segregadora no que diz respeito a separar os alunos considerados “bons” dos “ruins”, dos que “sabem” dos que “não sabem”, dos que “aprendem”, dos que “não aprendem”. Como se pudéssemos sentenciá-los a um grupo específico e até mesmo excludente. Uma vez que a avaliação deve possuir caráter processual e contínuo, levando em conta as construções cotidianas dos alunos e a mediação de seus professores, tanto no ponto de partida quanto no ponto de chegada para novos paradigmas.

Fragmentar a avaliação é fragmentar o ser humano e o processo educativo, é desumanizar a humanidade. Aguiló (2014) preconiza que a preocupação não é produzir conhecimentos, mas educar para a verdade. Damásio, Silva; Aquino (2010) e Freire (2014) reconhecem que a educação promove libertação em detrimento de um ensino tradicional e opressor. Sendo necessária uma nova postura e consciência sobre o seu real significado, e os reflexos advindos de uma prática comumente padronizada e desprovida de sentido na atualidade.

Vivemos numa época de tangível sentimento de falta de sentido. Importa, sobretudo em nosso tempo, que a educação não se limite a transmitir conhecimento, mas também dedique seus cuidados ao refinanciamento da consciência, a fim de que o homem adquira acuidade suficiente para perceber em cada situação concreta o desafio da exigência nela presente. (FRANKL, 1991, p.19).



De fato um dos maiores desafios é remodelar a educação não só para o hoje, mas, para as gerações vindouras. Compreender tudo isso, é conseguir educar não para prova, mas para a vida. Segundo Delors (1999) temos a missão de formar seres humanos hábeis para novos tempos.

O processo humanizador da avaliação na prática pedagógica

A prática pedagógica aplicada e desenvolvida na contemporaneidade, realizada dentro e fora de sala de aula, deve ser entendida como uma atividade complexa e condicionada as interfaces do mundo moderno e, também, em um processo dialético entre aluno e professor. Cujas dimensões são comprometidas e interligadas nas ações técnicas - ligadas à apreensão dos conteúdos, ações estéticas - ligadas à busca da sensibilidade, ações políticas - ligadas à plena liberdade do exercício da cidadania, nas ações éticas - ligadas à valorização e o compromisso pelo bem comum em prol da sociedade e que seus princípios estejam integrados nas dimensões da avaliação que são elas: humanizadora, reflexiva e construtiva.

Na dimensão humanizadora, o ser humano e seu processo de formação são o centro de qualquer prática avaliativa, uma proposta que privilegia o educando uma vez que respeita o processo de aprendizagem de cada aluno. Isso significa que a avaliação não tem como objetivo determinar notas, mas acompanhar o caminho que o aluno percorre para buscar e descobrir suas reais dificuldades e necessidades. A proposta contemplada pela avaliação reflexiva é possibilitar o exercício permanente de autocrítica e do repensar cada prática pedagógica e suas metodologias. No entanto, na dimensão construtiva, a avaliação, aponta caminhos para construir novos mecanismos de aprendizagem.

Essa dinâmica é de uma práxis intencional e comprometida com a geração atual e futura, além de uma transformação no ensino, na aprendizagem e na avaliação, revestidas e pautadas no poder da reflexão, da problematização, da criticidade, da pesquisa, da valorização humana, ou seja, capaz de restaurar atitudes positivas e para o bem da humanidade e que conduzam para uma harmonia e paz que o mundo tanto



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

necessita neste momento de ruptura social. Segundo a visão de Morin (2011) que a ação do professor seja sempre para uma reforma do pensamento e da transformação de uma prática pedagógica. E nesse intento, Petraglia reafirma (2011, p.84):

Nesse contexto, sempre devem ser refletidas e ampliadas às discussões acerca da importância das relações entre os conteúdos de uma disciplina e outra disciplina; entre as disciplinas e o curso, entre as disciplinas e a vida, e assim sucessivamente, afim de não estimular a elaboração de conhecimentos parcelados advindos do pensamento linear, mas promovendo-se a construção de um saber uno, com visão conjunta e de um todo composto por muitos aspectos.

Nisso, que toda a consecução desse trabalho venha repercutir no intento principal que é uma aprendizagem significativa para os alunos e na promoção de uma educação de qualidade para uma nova ordem social e planetária no século XXI. A educação que humaniza os saberes, os alunos e os professores.

A legislação e a avaliação de aprendizagem

Não obstante, segue o entendimento que a educação é direito social absoluto, cujo respeito deve favorecer o pleno desenvolvimento global do aluno. Para que venha exercer seus direitos e deveres com plena cidadania e se tornar um cidadão atuante em sociedade. O que se está previsto no Art. 205 da Constituição Federal/88 que:

a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL,1988).

Afirmado também em seu Art. 2º na Lei de Diretrizes e Bases da Educação/96 que:

a educação dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho (BRASIL,1996).



Segue nesse sentido, o entendimento que o processo de avaliação do aluno em seu construto de aprendizagem se perfaz em consonância com os princípios qualitativos. Visto que o Art. 3º retrata essa premissa:

II-liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III-pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IX-garantia de padrão de qualidade;

XI- vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais;

XII-consideração com a diversidade étnico-racial.

E de maneira explícita essa interpretação pode ser verificada no Art.24:

V- a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo período sobre os de eventuais provas finais.

O que corrobora no sentido de uma educação e uma formação fundada nos valores humanos, nos sentidos e nas responsabilidades. A avaliação possui caráter essencialmente político e social-libertador, um instrumento de progressão, evolução, amadurecimento de ideias e conceitos e organização social.

Metodologia

A metodologia adotada para este estudo foi uma pesquisa qualitativa pelo nível de subjetividade e complexidade que envolve o tema, a qual permite trabalhar com dados subjetivos como: valores, crenças e fenômenos que estão inseridos no processo permanente de construção e interpretação da realidade (LAKATOS & MARCONI, 1993). O estudo desenvolvido foi realizado a partir de concepções e referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa bibliográfica em uma perspectiva contemporânea do que se espera para a educação, para o processo de avaliação e no construto de aprendizagem, cujos modelos se remetem a uma visão planetária de mundo, de ser humano e de conhecimento.



Resultados e discussão

Os resultados encontrados a partir do referencial teórico sinalizam para a Crise Planetária e também, para a Patologia Contemporânea do Pensamento, também conhecida, pela hipersimplificação do pensamento (MORIN, 2011). O que propicia práticas avaliativas voltadas à individualização, um pensamento simplista, à fragmentação dos conteúdos escolares e uma visão reducionista de ser humano. Aponta Gadotti (2010) a prática docente deve ser alterada em razão de uma nova sociedade marcada pela complexidade. O que notadamente se traduz em desafio para o universo escolar. Nesse sentido, retoma-se a discussão que concepção de avaliação tem pautada a prática docente na atualidade.

Conclusões

Conclui-se que faz cada vez mais, necessária a reflexão acerca do papel da avaliação no processo de aprendizagem, além de uma análise dos mecanismos e dos procedimentos metodológicos que serão capazes de formar alunos e professores para um novo tipo de sociedade, que estejam aptos a intervir na transformação e mudanças não só no ambiente escolar, mas no mundo. Pensamento que nos faz analisar e refletir se o universo escolar, desvinculado da prática poderia dar conta do perfil de educação. Portanto, é preciso romper com barreiras e conscientizarmo-nos sobre um modelo de educação que nos permite direcionar para uma escuta sensível e para uma prática humanizadora onde os desafios sejam formar cidadãos, não do intelecto, mas, cidadãos do mundo para viverem e conviverem em uma sociedade globalizada e multicultural.

Referências bibliográficas

AGUILÓ, Alfonso. **Educar o caráter**. São Paulo: Quadrante, 2014.

BEHRENS, Maria Aparecida. **Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente**. In: Novas Tecnologias e mediação pedagógica. 21ªed. São Paulo: Papirus, 2013.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.



_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

DE AQUINO, Thiago Avelar. DAMÁSIO, Bruno. Da SILVA Joilson (Orgs). **Logoterapia e Educação**. São Paulo: Paulus, 2010.

DELORS, Jacques (org). **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1999.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia para todos**. 2ªed. Petrópolis: Vozes, 1991. DELORS, Jacques (org). **Educação um tesouro a Descobrir**. Relatório para UNESCO Da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília: MEC, UNESCO, Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, Moacir. Realidade. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação: mito & desafio: Uma perspectiva construtivista**. 43ªed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1993.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. São Paulo: Papyrus, 1997.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias**. In: Novas Tecnologias e mediação pedagógica. 21ªed. São Paulo: Papyrus, 2013.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4ªed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin: A educação e a complexidade do ser e do saber**. 13ªed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

RÉGNIER, Erna Martha. **Educação/formação profissional: Para além dos novos paradigmas**. In: Boletim Técnico do Senac.v.1, n.21. Rio de Janeiro: 1995.